

Ceará região serrana

www.revistahost.com.br

Julho de 2005

Turismo sustentável
Encantos do frio no Ceará!

Sérgio A. Brasil

Faz frio. Uma fumaça de neblina cobre parte das colinas verdes que emolduram a pacata Viçosa do Ceará, 334 quilômetros a oeste de Fortaleza. Sim, apesar de agasalhados, estamos no Ceará. Surpresas saltam aos olhos – seja na nebulosa paisagem serrana, seja no cardápio ousado dos restaurantes. No ponto mais alto da cidade, a Adega do Céu serve o trivial básico da culinária nordestina: galinha caipira, buchada de bode, baião-de-dois, charque com macaxeira. Mas na segunda página do variado menu encontramos um item um tanto estranho ao paladar sertanejo: fondue. Fondue? Isso mesmo, fondue de carne, chocolate e queijo, servido ao estilo nordestino, acompanhado – por que não? – de um bom vinho. É certo que o queijo, pasmem os chefs suíços, é o de coalho, comum na mesa regional, e não o emmenthal; os cubos de filé mignon não são absolutamente macios e suculentos; e o chocolate não vem misturado a conhaques de qualidade, como reza a receita tradicional. Mas isso não importa muito. São pecados que merecem perdão. Afinal, adaptações à parte, o charme do fondue cearense se encaixa com perfeição ao aconchego do clima ameno, às vezes surpreendentemente frio, de Viçosa, incrustada na Serra da Ibiapaba – um oásis verde e montanhoso em meio ao sertão tórrido, na fronteira do Ceará com o Piauí.

O chapadão, rico em cachoeiras e mirantes com vistas espetaculares para a planície de caatinga, estende-se por 150 quilômetros, envolvendo sete municípios que agora se organizam para superar carências e fazer parte dos roteiros turísticos do Nordeste. Isolada entre as colinas da Ibiapaba, Viçosa do Ceará, conhecida pelo estilo conservador dos moradores, conseguiu preservar um rico patrimônio histórico. Igrejas, sobrados e casarões coloniais são legados dos tempos áureos, marcados pelo poderio dos ciclos econômicos decorrentes da ocupação dos jesuítas, no século XVII. Os religiosos chegaram à região para catequizar e pacificar os índios, na maioria rebeldes, como os arapuãs e os tabajaras, que antes já haviam expulsado missionários franceses dali, em 1590. Entre os 42 prédios tombados em 2003 como Patrimônio Histórico Nacional, destaca-se o Teatro Pedro II, construído em 1909, palco de concorridos espetáculos, inclusive internacionais, freqüentados pela antiga elite cafeeira da cidade. Hoje em ruínas, o casarão começará neste ano a ser restaurado pelo Instituto do Patrimônio Histórico Nacional (Iphan), com verba de R\$ 600 mil.

Caminhar pelas ruas estreitas da cidade significa voltar no tempo. Numa das esquinas, o sobrado Refúgio dos Ímpares, antiga pensão exclusiva para solteiros, é conservado como há 150 anos. O mesmo acontece com a Casa dos Pinhos, uma mansão de 186 portas e janelas de estilo colonial, e com o antigo Gabinete Viçosense de Leitura, que hoje abriga a Câmara Municipal da cidade. Em local tão bem preservado, há

personagens típicos, como Alfredo Carneiro de Miranda, 90 anos, dono de uma bodega centenária na qual produz à beira de um velho fogão a lenha nada menos que 52 diferentes sabores de licores. Com um toque que faz toda a diferença: ao provar essa fartura de sabores, o visitante é brindado com acordes de pífano, tocados por Alfredo – o bem-humorado anfitrião, acostumado a puxar o convidado para uma cadeira de balanço e passar horas a fio contanto “causos”.

A tradição se multiplica. Aproveitando a fama dos deliciosos doces que produz, a quituteira Zilmar Ferreira Rocha, 71 anos, decidiu criar no sítio da família, localizado nos arredores de Viçosa, o projeto Café com Prosa. Trata-se de uma casa de chá especializada em bolos, roscas, tapiocas, queijos, coalhadas e uma grande variedade de doces, prevista para ser inaugurada neste ano, na qual a degustação será animada pelo humor de contadores de história, no mais autêntico estilo cearense de jogar conversa fora. “Força de vontade não falta; acreditamos muito no potencial turístico da região”, destaca Zilmar enquanto mexe a panela dando o ponto certo ao doce de leite borbulhante.

As palavras da doceira resumem de certa maneira os esforços desencadeados na Serra da Ibiapaba para tornar o turismo uma atividade econômica importante. O secretário de turismo de Viçosa, Ivoncleiton Gomes, concorda: “Fazemos um trabalho de formiguinha”. Uma das conquistas recentes foi o título, conferido à cidade pelo governo do estado, de “Capital Cultural do Ceará” em 2005. Isso significa prioridade de acesso a recursos financeiros, promoção, divulgação e todo o apoio estrutural necessário para a realização de um calendário que inclui festivais de arte, espetáculos de teatro e concertos musicais durante todo o ano. Empreendedores locais começam a despertar para os benefícios gerados pelos forasteiros. Empolgada com as perspectivas do turismo, a prefeitura decidiu não esperar pela iniciativa privada e construiu, há dois anos, um hotel municipal – o Viçosa Hotel de Serra, hoje um dos poucos hotéis municipais do Nordeste que não trabalham no vermelho.

Esconderijo de cachoeiras

De fato, em lugar de clima serrano, com temperatura oscilando entre 15 e 18 graus à noite, cercado de verde e marcado pelo charme da arquitetura colonial, o turismo é uma vocação natural que precisa ser bem aproveitada. Basta criar a infra-estrutura necessária, resolver problemas com o saneamento e desenvolver uma cultura de hospitalidade. “Estamos caminhando para isso”, afirma o secretário de turismo, lembrando a recente criação da Rede Ibiapaba de Turismo, que mobiliza empreendedores e se organiza para estabelecer roteiros turísticos integrados entre os municípios da serra.

Atrativos não faltam. A 43 quilômetros de Viçosa, o Parque Nacional de Ubajara protege um dos complexos de cavernas mais importantes do país, escondidas sob formações rochosas de calcário que afloram na floresta bem preservada. Entre as 11 grutas descobertas na região, a de Ubajara é a única aberta à visitação, onde se pode chegar descendo chapadão abaixo a bordo de um teleférico, de onde se avista a enorme planície de caatinga no entorno. Trilhas levam para cachoeiras que despencam sobre penhascos – um paraíso surpreendente para quem imagina a paisagem nordestina resumida a praias com coqueirais, no litoral, e caatinga com cactos e açudes de leite rachado pela seca, no sertão.

Devido a essas belezas, o parque atraiu 48 mil visitantes em 2004, tendo uma boa estrutura para recebê-los, como guias especializados, trilhas sinalizadas e iluminação na Gruta de Ubajara. Mas enfrenta desafios, principalmente depois que a área foi ampliada de 536 para 6.288 hectares, em 2002, havendo somente dois fiscais para fazer a vigilância. “Temos problemas graves, como a retirada ilegal de madeira, a caça de animais em extinção, como o macaco guariba, e o uso indiscriminado de agrotóxicos nos cultivos agrícolas vizinhos”, afirma Gilson Souto, chefe do parque. Um dos objetivos é preservar as riquezas naturais, tornando o turismo um fator de desenvolvimento sustentável – e não um motivo a mais para dor de cabeça. “Nosso plano é contribuir para transformar a região em pólo de ecoturismo e turismo de aventura”, destaca Gilson. Uma das providências, para isso, é a realização de estudos para iniciar a exploração de rapel nos paredões das cachoeiras que pontilham o Parque Nacional de Ubajara, além da construção de um novo e bem equipado centro de visitantes.

O caminho para atingir esse objetivo é longo. “É urgente dar mais dinâmica ao fluxo turístico e aumentar a permanência dos visitantes”, reclama Maria Eugênia Gret, 58 anos, proprietária do Marina Camping Hotel, no município de Ubajara, uma amazonense que chegou há 30 ano na região e investiu para transformar a casa da família em hotel, apostando nos dividendos do turismo. Ela e outros 17 empreendedores da região fazem parte do Grupo de Empresários de Turismo da Ibiapaba, que tem apoio do Sebrae para montar roteiros e calendário de eventos capazes de sensibilizar operadores de maior porte do Ceará, habituados a apresentar aos turistas as belezas das praias cearenses, onde normalmente há uma infra-estrutura mais organizada.

“É preciso romper barreiras, como a eterna espera pelo auxílio do poder público”, ressalta Rebeca Pinto Alcântara, do Sebrae, coordenadora de Turismo na Serra da Ibiapaba. Chegou a hora, segundo ela, de arregaçar as mangas e tomar iniciativas. Além de oferecer cursos de capacitação e incentivar o associativismo, o Sebrae promove caravanas de empresários locais para conhecer a experiência bem-sucedida de outras regiões que exploram o turismo do frio. Alguns exemplos são Garanhuns, em Pernambuco (veja box ao lado), e a Serra Gaúcha, considerada pelo Sebrae como modelo de organização de empreendedores para o desenvolvimento do turismo. “Precisamos desmistificar a idéia de que o sucesso neste campo só acontece no Sul do país”, opina Rebeca. Consultores de renome nacional que contribuíram para organizar o turismo em pontos importantes do país, como Mário Petrocchi, do Espírito Santo, estão sendo convidados pelo Sebrae para avaliar os potenciais e apontar os melhores caminhos para a Serra da Ibiapaba.